

METAMORFOSE DO ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE–PB: UM OLHAR A PARTIR DA ZONA LESTE DA CIDADE (2005 – 2022)

Gabriel Madureira Attem ¹

Jadiel Lucas Alves de Andrade ²

Thiago França Simonetti ³

RESUMO: O presente trabalho analisa as transformações do espaço urbano de Campina Grande – PB entre os anos de 2005 e 2022, tendo como recorte espacial a Zona Leste. Por meio de uma revisão bibliográfica da configuração territorial da cidade e da formação socioespacial do Brasil, procura-se compreender os processos históricos que determinaram as atuais dinâmicas socioespaciais. Nesse contexto, a cidade metamorfoseia-se de acordo com os distintos interesses dos agentes sociais. Fotografias e imagens de satélite auxiliam na representação desse processo, assim como, aplicação de entrevistas e questionários. Dentre as transformações identificadas, ressalta-se a remoção da Favela da Cachoeira, a inserção do Condomínio AlphaVille e a construção da Nova Alça Leste e do Centro de Convenções. Por outro lado, a ZEIS Jardim Europa aparece como produto da segregação urbana.

Palavras-chave: Produção do Espaço Urbano; Desigualdades Socioespaciais; Fragmentação Socioespacial.

GT 13 – Produção e reprodução do espaço urbano – teoria e prática

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a metamorfose do espaço urbano de Campina Grande. Localizada no agreste da Paraíba, a “rainha da Borborema” – apelido dado em alusão ao seu antigo nome (Vila Nova da Rainha) e em referência a sua localização geográfica e importância regional – a cidade tem uma população estimada de

¹ Mestrando em Geografia pela UFRN.

² Mestrando em Geografia pela UFPB.

³ Mestrando em Geografia pela UFRN.

aproximadamente 414 mil habitantes (IBGE) e é considerada Capital Regional C, segundo o estudo da Região de Influência das Cidades - Regic 18⁴.

O estudo parte de uma perspectiva crítica em relação ao processo de urbanização recente nesta cidade. Tal processo se apresenta de forma perversa, no sentido de acentuar a segregação e as desigualdades socioespaciais provenientes do modo de produção capitalista, assim como, intensifica a fragmentação e diferenciação socioespacial entre os lugares. A pesquisa centraliza suas operacionalizações entre 2005 e 2022 na zona leste da cidade.

Para tanto, torna-se necessário uma análise para além da data dita. Desta forma, descrever e explicar o processo histórico da produção do espaço urbano da cidade é essencial, visto que, “a história da cidade é a história de sua produção continuada” (SANTOS 2013 [1994], p. 68). Atualmente, testemunham-se diversas transformações na cidade, dentre as quais, destaca-se o processo de periferização impulsionado por diversos agentes produtores do espaço urbano, como o Estado, os proprietários fundiários e os promotores imobiliários. (CORRÊA 1993, p.12).

O seguinte escrito mostra as contradições no processo de urbanização e periferização em Campina Grande. O Arco Metropolitano Leste é uma obra recente na cidade que foi - e está sendo - produzida em uma antiga Unidade de Conservação Ambiental. Além disso, a construção de um Centro de Convenções na margem dessa nova via urbana realça a especulação imobiliária e a reestruturação no local.

Em contraste a este processo, tem-se próxima a tais metamorfoses do espaço urbano de Campina Grande a ZEIS Jardim Europa, um local carente de infra-estrutura urbana, como saneamento básico e calçamento, além das formas-conteúdo da relação cidade-campo. Dessa forma, reflexões em torno dessa produção desigual do espaço vêm à tona no sentido do planejamento urbano – regional manter as desigualdades socioespaciais.

Portanto, o trabalho está sistematizado na seguinte estrutura:

1. A configuração territorial de Campina Grande – PB: surgimento e urbanização

⁴ A pesquisa Regiões de Influência das Cidades - Regic tem o propósito de identificar e analisar a rede urbana brasileira, estabelecendo a hierarquia dos centros urbanos e as regiões de influência das Cidades. O estudo constitui uma abordagem fundamental para a compreensão da geografia do País, uma vez que estabelece critérios para a qualificação das Cidades e das relações entre elas, revelando eixos de integração no território e padrões diferenciados de distribuição de centralidades urbanas.

2. A zona leste da cidade: fragmentação, reestruturação e desigualdades

Como procedimentos metodológicos, pode-se organizar em duas partes: uma teórica e outra prática. De uma perspectiva teórica, pesquisas de cunho histórico da cidade estudada foram realizadas, assim como, no nível conceitual, dentre os quais se destacam as categorias de análise configuração territorial, formação socioespacial, fragmentação e segregação socioespacial, desigualdades, diferenciação e entre outras. Do ponto de vista prático, estudos de campo se realizaram a fim de observar a empiria das dinâmicas locais e comumente registrar por meio de fotografias. O uso de imagens de satélite também foi um importante mecanismo de pesquisa além de entrevistas e questionários qualitativos com 31 pessoas da comunidade do Jardim Europa.

1. CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE CAMPINA GRANDE – PB: SURGIMENTO E URBANIZAÇÃO.

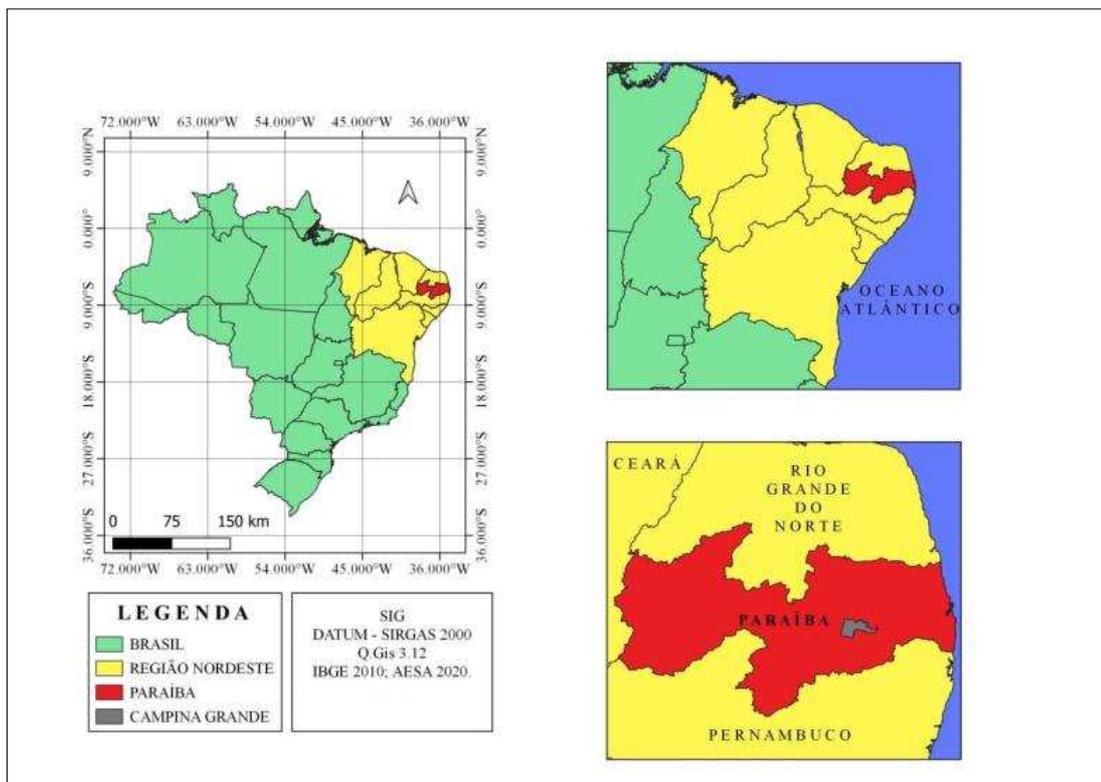
Para entender a atual situação do espaço urbano de Campina Grande faz-se necessário remeter à sua história. Assim, ressalta-se que “a origem de Campina Grande não se dá sem articulação com a história mundial e, por conseguinte, com a brasileira.” (MAIA *et al.* 2013, p. 37). A configuração territorial⁵ de Campina Grande mescla-se com a formação socioespacial⁶ do Brasil em conjunto com as transformações mundiais, ou seja, percebe-se uma perspectiva relacional e “assim, os lugares reproduzem o País e o Mundo segundo uma ordem.” (SANTOS 2017 [1996], p. 125).

Afirma-se que a localização geográfica de Campina Grande é um ponto essencial para compreender sua importância regional, visto que, está situada em uma zona de transição entre o litoral e o sertão – o Agreste, este “tardamente ocupado” (ANDRADE 1986). O mapa a seguir ilustra a posição geográfica de Campina Grande (Mapa 1) “que estabelece-se, originalmente, como um ponto nodal para o conjunto de fluxos que, por um lado, abasteciam o Sertão e, ao mesmo tempo, permitiam a saída dos produtos produzidos no interior com destino ao litoral.” (MAIA *et. al.* 2013, p. 38).

⁵ Para Santos (2008a [2000], p.62) “a configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou uma dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais.”

⁶ Categoria analítica desenvolvida por Santos (2008b [1979]) com base na concepção de Formação Econômico-Social (FES) presente na obra de Karl Marx.

Mapa 1 – Localização geográfica de Campina Grande – PB

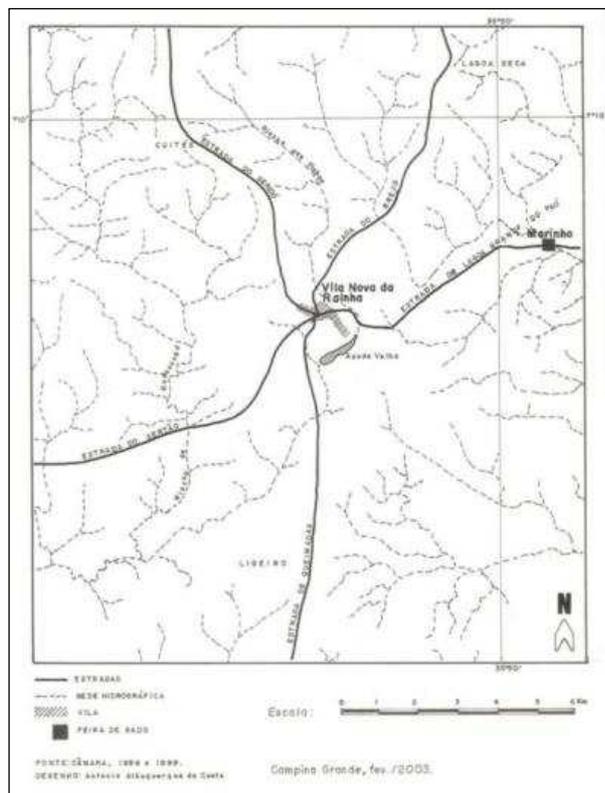


Fonte: acervo pessoal.

Esta ponte dialética entre a configuração territorial de Campina Grande e a formação socioespacial do Brasil materializa-se no espaço-tempo a partir da nítida divisão territorial do trabalho, onde o litoral do Nordeste brasileiro ficara responsável pela atividade açucareira enquanto o sertão com práticas agropastoris. “A gênese da cidade foi produto da ampliação das atividades e do domínio europeu na América, elemento que atribui sentido global às funções que o espaço local desempenhou em sua fundação.” (MAIA *et al.* 2013, p. 38). Portanto, se expressa à cisão da noção de totalidade que explica as partes. Estas partes em constante processo de totalização. (SANTOS 2017 [1996], p. 115).

Um dos pontos principais que condicionam o processo de centralização de Campina Grande é a sua posição de entroncamento de caminhos (Mapa 2), sendo chamada de “Boca de Sertão”, o que a torna um lugar estratégico para os viajantes da época. Neste período, em meados do século XVIII, o lugar passa adquirir certa funcionalidade: a de ponto de repouso e reabastecimento, pois, os chamados tropeiros faziam sua parada e seguiam viagem. Este ponto de parada é estabelecido, sobretudo, pelas condições naturais, tais como a presença do Açude Velho – antigo riacho das piabas - estabelecendo-se como centralidade para fixos e fluxos.

Mapa 2 - Entroncamento de caminhos em Campina Grande – PB.



Fonte: (COSTA, 2003).

Portanto, podem-se assegurar três *virtualidades* para a configuração do processo de centralização em Campina Grande: a localização geográfica, as condições naturais e o entroncamento de caminhos e estradas. Para Santos, “as virtualidades são vantagens comparativas (materiais ou imateriais) presentes no lugar, que são realçadas através dos símbolos locais para atrair atividades promissoras.” (SANTOS 2017 [1996]) *apud* (COSTA, 2003, p. 17).

Os impactos gerados pelas mudanças engendradas no sistema mundial revolucionaram o papel que até então Campina Grande cumpria na ordenação territorial do espaço nordestino e principalmente paraibano: de entreposto comercial subordinado à dinâmica gerada pelas atividades litorâneas, transforma-se em um vigoroso núcleo de centralização e escoamento da produção primário-algodoeira realizada no semiárido nordestino. (MAIA *et al.* 2013, p. 40).

Com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra, as cidades constituem-se como lugar do trabalho nas recém-criadas indústrias e comumente da moradia. Vale salientar o

surgimento de novos objetos técnicos, como a máquina a vapor, sobretudo, o trem. Em 1907, a chegada da Estação Ferroviária em Campina Grande simboliza os ares urbanos na cidade. “Neste momento, o espaço campinense se integra diretamente a uma economia capitalista internacionalizada, integração que foi viabilizada pelo moderno sistema de transporte.” (COSTA 2003, p. 35).

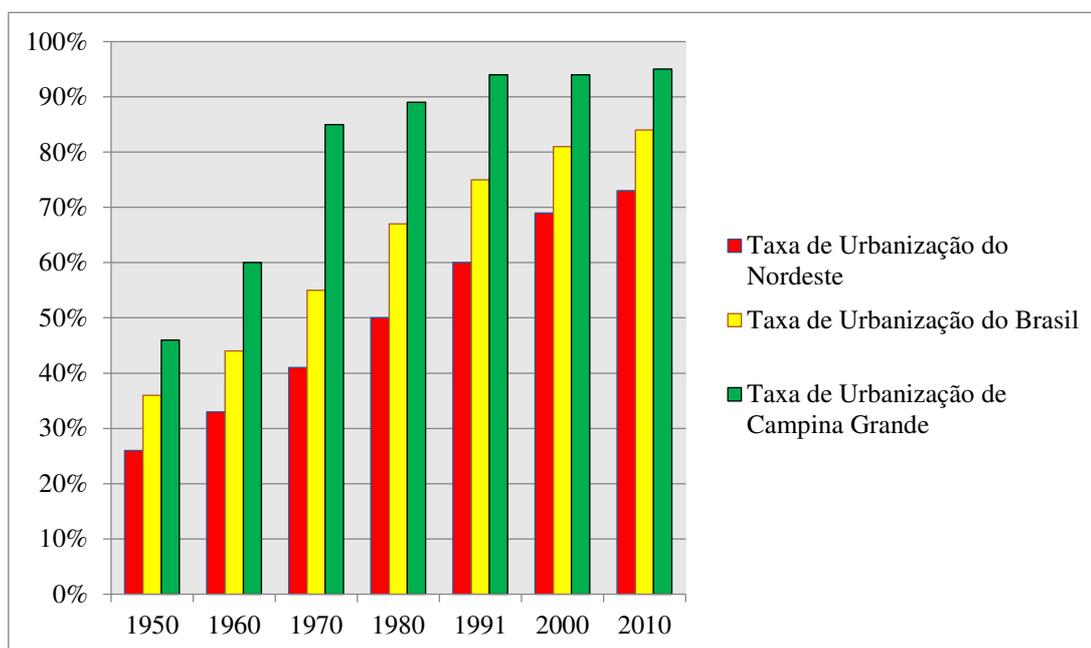
Além disso, foi instaurada na cidade, nas primeiras décadas do século XX, a iluminação pública, sistemas de transporte – o trem e o carro – e de comunicação - telefones, os primeiros bancos, praças, escolas, ruas, calçadas, cinemas, bordéis e entre outras marcas da urbanização. Porém, “nas cidades capitalistas impera a distribuição desigual de padrões urbanos.” (RODRIGUES 2016, p. 43). Assim, revela-se a seletividade do urbano e muito desses acontecimentos ocorreram devido à consolidação da própria elite local.

Sem a possibilidade de acesso à moradia nos centros das cidades as populações pobres são levadas a ocupar as áreas mais distantes, formando aglomerados subnormais (favelas), onde a ausência de infraestrutura é um elemento complicador no processo de reprodução da força de trabalho. E em Campina Grande, esse processo se reproduz. (MAIA *et al.* 2013, p. 118).

Dessa forma, pode-se afirmar que o processo de urbanização em Campina é recente, pois, segue a lógica da urbanização brasileira e de países subdesenvolvidos. De acordo com Santos (SANTOS 1993), a urbanização brasileira foi tardia, concentrada e acelerada e para Cabral Filho, em Campina Grande “o que poderíamos denominar processo de modernização ocorre obedecendo a ritmos outros. Nesta cidade as mudanças ocorreram e foram plenamente percebidas e vivenciadas.” (CABRAL FILHO 2009, 45). Os dados estatísticos mostram a dimensão da taxa de urbanização⁷ no Brasil, no Nordeste e em Campina Grande. (Gráfico 1).

⁷ Entende-se como taxa de urbanização a razão entre a população total e a população urbana. (IBGE, 2017).

Gráfico 1 - Taxa de Urbanização no Brasil, na região Nordeste e em Campina Grande - PB.



Fonte: IBGE. Disponível em: <https://seriestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP122> & LIMA (2004)

Apud (VALVERDE 2017).

Percebe-se, a partir do gráfico acima, a evolução da população urbana entre 1950 e 2010. Em 1960, quase metade da população do Brasil já residia nas cidades. Em 1970, ultrapassa-se a marca dos 50%, configurando-se, assim, majoritariamente território urbano, apesar de notadamente, em grande parte da sua história, o Brasil ser considerado rural e/ou agrícola. Notam-se outros dois pontos: 1) a rápida transição da população brasileira para as cidades; e, 2) o nível de urbanização na cidade de Campina Grande estar acima do território nacional e da região – na década de 90, por exemplo, excede os 90%. Tal fato é uma peculiaridade histórica da cidade.

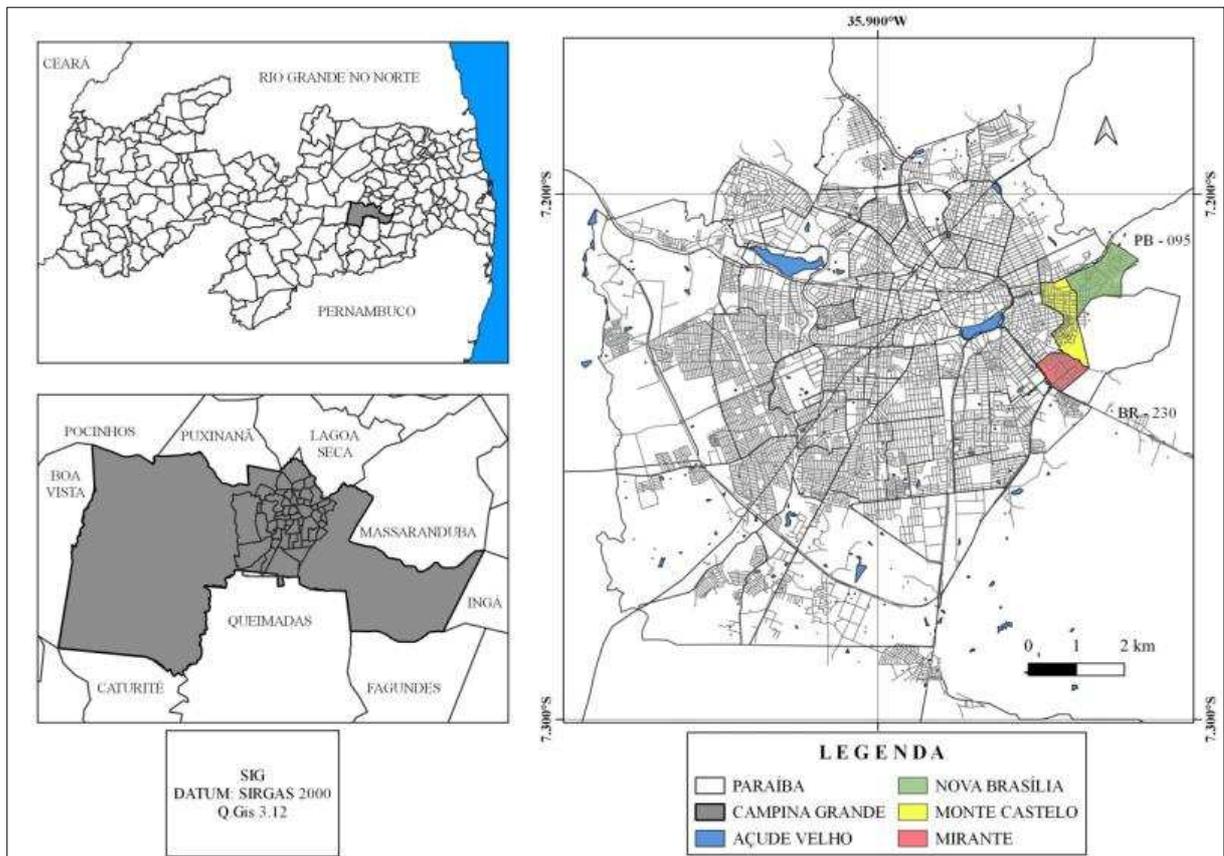
Em Campina Grande, no contexto histórico, considera-se a urbanização do tipo espraiada (SANTOS, 1993) e espontânea (*id.* 1985, p.30), visto que, surge em uma intersecção de caminhos e condiz com a dispersão, fragmentação e periferização. Além disso, é na dimensão do habitar que as desigualdades urbanas se materializam.

2. A ZONA LESTE DA CIDADE: REESTRUTURAÇÃO, FRAGMENTAÇÃO E DESIGUALDADES.

Para compreender as dinâmicas atuais do espaço urbano de Campina Grande – PB além de descrever e explicar o processo de configuração territorial da cidade, comumente, da

formação socioespacial do território brasileiro, torna-se necessário um “recorte” espaço-temporal (Mapa 3). Tal recorte está materializado na zona leste, sobretudo nos bairros de Nova Brasília, Monte Castelo e o Mirante, entre os anos de 2005 e 2022.

Mapa 3: recorte espacial da pesquisa



Fonte: acervo pessoal.

A periodização escolhida condiz com intensas transformações nas formas-conteúdo do espaço urbano de Campina Grande, principalmente, no recorte espacial analisado. As imagens de satélite ilustram tais modificações, sobretudo, na perspectiva do território usado e das sucessões e coexistências. A figura abaixo ilustra o processo de transformação da Zona Leste da cidade de Campina Grande entre 2005 e 2022 (Figura 1).

Figura 1: Imagens de satélite da Zona Leste de Campina Grande - PB entre 2005 e 2022.



Fonte: adaptado do Google Earth. Acervo pessoal, 2022.

Percebe-se que em 2005 existia uma imensa área verde. Este lugar, além de ser considerado zona rural da cidade, era classificado como uma Unidade de Conservação Ambiental devido às riquezas tanto de fauna e flora numa intersecção entre Mata Atlântica e Caatinga. A UC foi instituída em 2004 pelo Decreto Estadual de nº 25.3223.⁸

Além disso, nota-se no Bairro de Nova Brasília a presença de lotes do Conjunto Habitacional da Glória em 2005 e em 2010 a obra já acabada. Uma hipótese é que os antigos moradores da Favela da Cachoeira⁹ – após a desapropriação – foram morar tanto para o Conjunto do Glória e/ou para ZEIS Jardim Europa. Comumente à “saída” da favela há a “entrada” do Condomínio Fechado Alphaville. (Figura 2).

⁸ Para mais informações sobre esse processo consultar SOUZA, 2017.

⁹ A Favela da Cachoeira surge nos anos 60 em Campina Grande como forma encontrado pela política pública urbana municipal, sobretudo, em ação na gestão do prefeito da cidade Severino Cabral (1959 – 1963) em erradicar os pobres do centro com viés higienista. Sobre a Cachoeira: “sua formação teve um caráter diferenciado. Os sujeitos não ocuparam a área de forma espontânea, pelo contrário, a ocupação foi incentivada pelo governo municipal tentando afastar o problema que os populares migrantes representavam para a elite local.” (AGUIAR; XAVIER, 2015)

Figura 2: “Saída” da Favela da Cachoeira e “entrada” do AlphaVille



Fonte: Adaptado do Google Earth. Acervo pessoal, 2022.

Tal processo espacial Corrêa classifica como Invasão e Sucessão, que está, sobretudo, relacionado à questão residencial e consiste na saída da população preexistente e a chegada de um novo contingente de outra classe social. (CORRÊA 2014, p.135). A “invasão” do AlphaVille ao local representou uma intensa transformação no valor de troca do solo urbano na região, sendo o bairro do Mirante, hoje, o m² mais caro da cidade. (Tabela 1).

Tabela 1 – Preço da terra nos bairros estudados

BAIRRO	VALOR UNITÁRIO (R\$/m² mínimo)	VALOR UNITÁRIO (R\$/m² máximo)
Mirante	484,00	502,00
Monte Castelo	309,00	327,00
Nova Brasília	309,00	327,00

Fonte: Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG) - Código Tributário

Além disso, o terreno do Condomínio afetou diretamente a Área de Preservação Ambiental. Percebe-se, deste modo, que a ideia de “cidade ilegal” (MARICATO 2001) é tanto das ocupações irregulares quanto destes espaços da elite. Dentre outros processos espaciais do espaço urbano, analisa-se a segregação.

A presença de áreas segregadas no espaço urbano de Campina Grande é perceptível nas zonas periféricas, sendo a periferia “o *locus* de correntes migratórias da zona rural e de pequenas cidades” (CORRÊA, 1993). Dentre estas periferias da cidade está a ZEIS Jardim Europa, localizada na zona leste, no norte do bairro de Nova Brasília e próximo ao Jardim América – o Conjunto do Glória se materializou entre estas duas comunidades, sendo o Jardim Europa mais periférico. (Figura 3).

Figura 3: Jardim Europa e o Conjunto do Glória I e II



Fonte: Adaptado Google Earth.

O Jardim Europa foi considerado uma Zona Especial de Interesse Social em 2009¹⁰ e está localizada na periferia da cidade às margens da PB-095. No local, vivem cerca de 600 pessoas em situação de vulnerabilidade socioambiental em cerca de 150 domicílios – média de 4 pessoas por casa - algumas casas sendo resultado da autoconstrução do início da ocupação que aconteceu nos anos 90 em antigos lotes da Caixa Econômica Federal. (Figura 4).

Figura 4 – ZEIS Jardim Europa.

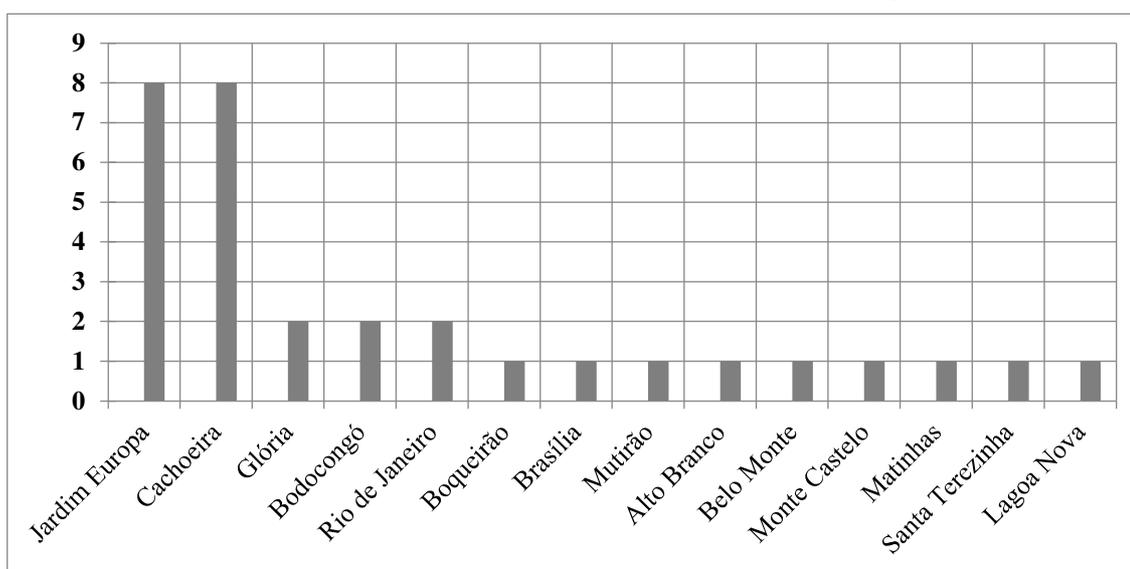


Fonte: Acervo pessoal, 2020.

¹⁰ Segundo o Art. 36 do Plano Diretor de Campina Grande as ZEIS “são porções do território municipal que têm por objetivo assegurar à função social da cidade e da propriedade, sendo prioritariamente destinadas à regularização fundiária, à urbanização e à produção de habitação de interesse social.” Ou seja, são áreas da cidade destinadas exclusivamente para habitação e moradia, além de um instrumento político cuja finalidade é garantir aos moradores de assentamentos precários o direito à cidade e à regularização fundiária. Questiona-se: se a favela da Cachoeira estivesse instituída como uma ZEIS teria sido removida?

A partir de questionários aplicados no Jardim Europa, percebeu-se que parte dos atuais moradores da comunidade veio oriunda de pequenas cidades, tais como Matinhas e Lagoa Nova, ou de metrópoles nacionais, por exemplo, Rio de Janeiro e Brasília; comumente, de outras zonas da cidade, como a própria Cachoeira. (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Local de moradia antes do Jardim Europa



Fonte: Pesquisa direta, 2022.

O Jardim Europa, cujo nome remete à paisagem natural e o clima frio e ameno - lembrando os jardins da Europa - é um local carente de infraestrutura urbana, ou seja, faltam objetos técnicos característicos do espaço urbano, como vias calçadas, saneamento básico e, em alguns casos, até energia elétrica.

Percebe-se, deste modo, a reprodução das desigualdades socioespaciais na cidade de Campina Grande. (Figura 5 e 6). Para Rodrigues, “a desigualdade socioespacial é a expressão do processo de urbanização capitalista, um produto da reprodução ampliada do capital que se perpetua como condição de permanência da desigualdade social.” (RODRIGUES 2007, p.74).

Figura 5 e 6 – Desigualdade socioespacial no Jardim Europa.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Em estudo de campo, a principal queixa apontada pelos moradores locais é, sobretudo, a falta de saneamento básico (Figura 7) e mobilidade urbana. (Figura 8). Além disso, os moradores locais do Jardim Europa lamentam que o Conjunto do Glória tenha tais “privilégios” e eles não. Tal fato reflete na própria política pública urbana seletiva.

Figura 7 e 8 – Falta de saneamento básico e mobilidade urbana no Jardim Europa



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A ausência de políticas públicas de urbanização auxilia na fragmentação de um espaço já segregado. Por consequência da falta de urbanização, práticas espaciais tradicionalmente rurais resistem ao tempo do capital urbano. Além disso, devido à localização geográfica periférica, próxima à zona rural; pela paisagem – forma - e pelo perfil dos primeiros

moradores – conteúdo, os hábitos e modos de vida da população do local remetem à atividades primário-rurais. (Figura 9 e 10).

Figura 9 e 10 - Relação entre o campo e a cidade no Jardim Europa.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Para Sposito (2011, p. 124): “não há cidades sem divisão social do trabalho” e M. Santos (2017 [1996], p. 129) afirma que “a divisão do trabalho constitui um motor da vida social e da diferenciação espacial.” Portanto, a diferenciação socioespacial entre a cidade e o campo em Campina Grande está materializada na relação entre o urbano e o rural e na divisão social e técnica do trabalho.

Carlos afirma que “a diferenciação socioespacial é, ao mesmo tempo, pressuposto e produto do processo histórico de produção do espaço, vivida concreta e praticamente a escala do lugar.” (CARLOS 2007, p. 48). Dessa forma, articula-se o espaço como produto mercadoria com as contradições e contrastes sociais. Neste sentido, “as desigualdades viram diferenças”. (SPOSITO 2011, p. 129).

O espaço é alvo de diversos agentes sociais produtores do espaço (CORRÊA 1993), como promotores imobiliários – promovendo a especulação imobiliária; o Estado – com ações, ou não, de políticas públicas de urbanização; e, os grupos sociais excluídos – moradores da área, que estão literalmente “à margem” da sociedade. Enquanto o Estado é cego para os grupos sociais excluídos é guia para os promotores imobiliários e os proprietários fundiários.

Vale ressaltar que em 2020, entre a PB – 095 e a BR – 230, foi criada a Nova Alça Leste com o objetivo de interligar as duas rodovias, desafogar o trânsito no centro da cidade e, por conseguinte, melhorar a mobilidade urbana. Vale salientar que também foi construída na UC Parque do Poeta. Tal fato, remete à transformação da zona rural em zona urbana algo lucrativo para os proprietários fundiários. (Figura 11)

Figura 11 – rugosidades¹¹ do rural no espaço urbano de Campina Grande – PB



Fonte: acervo pessoal, 2020.

Entre 2010 e 2020 ocorreram mudanças significativas no tecido urbano de Campina Grande. A inserção do condomínio fechado Alphaville, localizado próximo à antiga Cachoeira e no território da antiga UC fez com que o valor de troca do bairro do Mirante tivesse um aumento gigantesco em relação ao valor de uso. Portanto, próximo aos muros alaranjados do AlphaVille, há tanto uma crescente de imóveis e prédios, quanto da própria especulação imobiliária. (Figura 12 e 13).

¹¹ Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. [...]. Em cada lugar o tempo atual se defronta com o tempo passado. (SANTOS 2017 [1996], 140).

Figura 12 e 13: Especulação imobiliária nas proximidades do AlphaVille.



Fonte: Acervo pessoal 2021,2022.

Com isso, a especulação imobiliária no local que já era alta, aumentou tangencialmente pela própria dinâmica do mercado. Além disso, um Centro de Convenções está sendo construindo nas margens da Nova Alça Leste. Tal fato realça a especulação imobiliária no local, além da destruição da fauna e flora local da UC. (Figura 14 e 15).

Figura 14 e 15 – Máquinas em contraste com a paisagem natural na construção do Centro de Convenções



Fonte: acervo pessoal, 2022.

Assim, foi construída a Nova Alça Leste - uma via pavimentada, bem sinalizada, com ciclovia e luzes de led – cujo intuito foi facilitar o deslocamento e a mobilidade urbana na região. Por outro lado, o Jardim Europa ainda permanece invisível diante de obras públicas, como saneamento básico e calçamento e um novo bairro planejado chamado Villa Olímpia está em processo de construção e iniciou a venda de lotes próximo à comunidade. (Figura 15 e 16)

Figura 15 e 16 – Comparação entre uma rua do Jardim Europa e a Nova Alça Leste



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Portanto, percebe-se a importância da regularização fundiária das ZEIS no Jardim Europa para evitar despejos dos moradores locais, visto que, com a valorização do solo urbano, o valor de troca fica mais elevado, enquanto o valor de uso é cada vez mais descartável no modo de produção capitalista. Por outro lado, nota-se, assim, a ação do Estado visando prestigiar as classes dominantes.

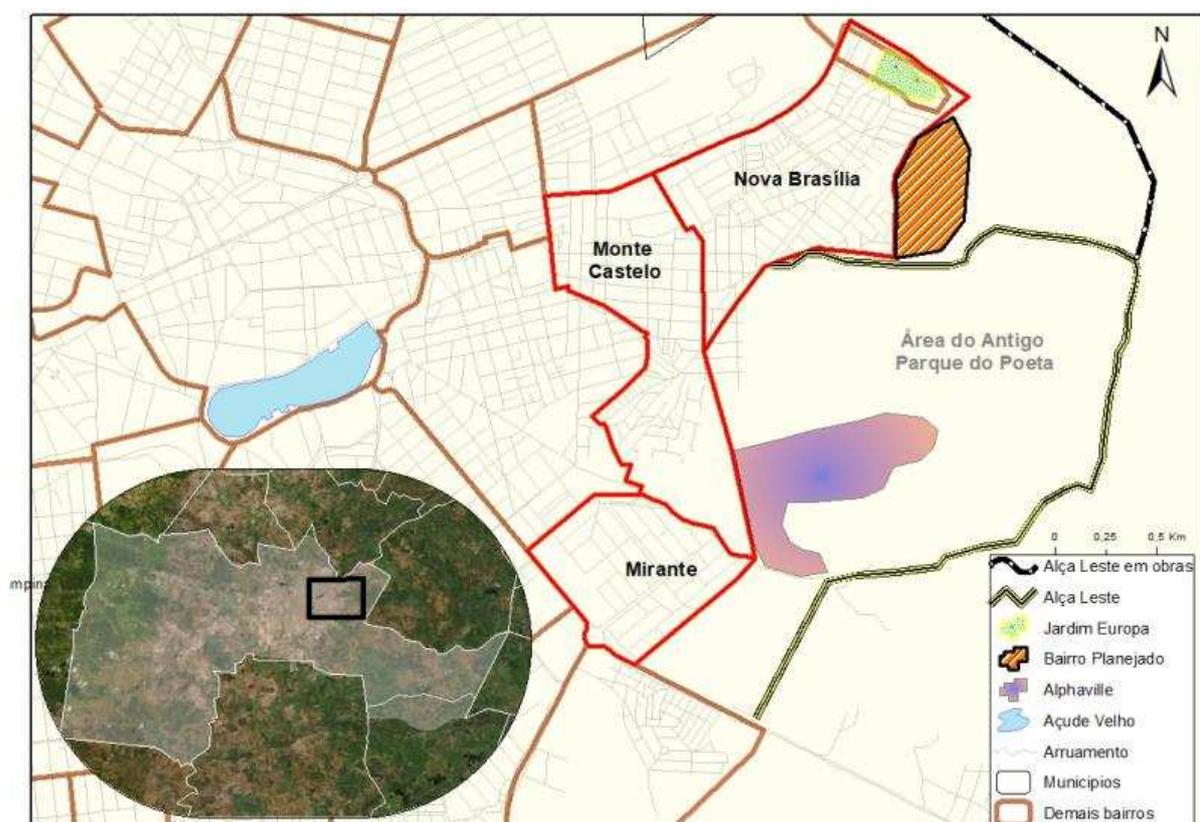
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, pode-se afirmar que a construção da Nova Alça Leste na cidade de Campina Grande, assim como, do Centro de Convenções, são cristalizações da metamorfose ocorrida na Zona Leste. De um lugar periférico, insalubre e desvalorizado para alvo de proprietários fundiários e especuladores imobiliários, simbolizando a reestruturação urbana.

Dialeticamente, é local de diversas contradições do ponto de vista socioambiental, visto que, com tais metamorfoses na zona leste, foram acentuadas as diferenças e desigualdades socioespaciais, comumente, a fragmentação e segregação. Além disso, a perda da UC para especulação imobiliária é reflexo de uma geopolítica mundial que despreza o meio ecológico em detrimento à acumulação de capital.

Como produto final desse processo contraditório e fragmentado da metamorfose do espaço urbano de Campina Grande, o mapa a seguir representa a transformação da Zona Leste entre os anos de 2005 e 2022. (Mapa 4). Para além das formas, a transformação no conteúdo social neste local materializa na cidade a perversidade do modo de produção capitalista que tem como essência atribuir valor mercantil para terra.

Mapa 4 – Metamorfose da Zona Leste de Campina Grande



Fonte: acervo pessoal, 2022.

Percebe-se, deste modo, a articulação entre os processos, desde o reassentamento da Favela da Cachoeira para os Conjuntos Habitacionais Glória I e II, entre 2005 e 2010, comumente, a inserção do Condomínio Fechado AlphaVille em uma UC, surgindo uma nova

centralidade na cidade. A partir de 2020, com o novo Arco Metropolitano Leste, cristaliza-se a metamorfose da zona leste de Campina Grande, outrora, perigosa no imaginário popular, e, atualmente, local de expansão e reestruturação urbana.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. O; XAVIER, H. **Ambiente, vivências e memórias da Favela da Cachoeira** (Campina Grande 1959 – 2006). Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 9 n. 17 – UFGD – Dourados, jan/jun – 2015.

ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no Nordeste**. 5.ed. Editora: Atlas, São Paulo – SP, 1986.

CABRAL FILHO, S. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história**. Campina Grande – UFCG, 2009.

CARLOS, A. F. A. **Diferenciação Socioespacial**. CIDADES, v.4, n.6, p. 45–60, 2007

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Processos Espaciais e a Cidade. In: **Trajetórias Geográficas**. 7ªed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

COSTA, A. A. da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande – PB na interface desse processo**. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

IBGE. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: um primeira aproximação**. Estudos e Pesquisas Informação Geográfica, n.11, Rio de Janeiro - RJ, 2017.

LIMA, D. de. **Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)**. 2004, 300f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História Econômica / Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004. In: VALVERDE, A. T. Entre a microrregião e a região metropolitana: considerações sobre Campina Grande – Paraíba.

RODRIGUES, A. M. **Desigualdades socioespaciais – a luta pelo direito à cidade.** CIDADES, v.4, n.6, p. 73-88, 2007.

_____. **Políticas Públicas no Espaço.** Cidades. Presidente Prudente, v. 13, n. 22, p. 41-70, 2016.

MAIA, D. S et. al. Campina Grande: Dinâmica econômica e reestruturação urbana. Permanências e transformações. In: ELIAS, Denise; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOARES, Beatriz Ribeiro. **Agentes Econômicos e reestruturação urbana e regional: Campina Grande e Londrina.** São Paulo: Outras Expressões, 2013.

MARICATO, E. **Brasil, cidades alternativas para crise urbana.** Pretópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira.** 5.ed., 3 reimpr. São Paulo: Edusp, 2013. Original: 1993.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 4 ed. 9. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. Original: 1996.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2008a, [2000].

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional.** Edusp: São Paulo – SP, 2013 [1994].

_____. **Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Edusp: São Paulo – SP , 2008b [1979].

_____. **Espaço e Método.** São Paulo: Livraria Nobel S.A, 1985.

SOUZA, A. S. **Valoração da Paisagem da Unidade de Conservação Parque Estadual do Poeta e Repentista Juvenal de Oliveira – Campina Grande – PB: uma proposta de ordenamento territorial.** Dissertação (Mestrado em Geografia). UFPB, 2017.

SPOSITO, M. E. B. A produção do Espaço Urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: Org. CARLOS, A. F; SOUZA, M. L; SPOSITO. M. E. B. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** Editora: Contexto. São Paulo: 2011.